
Semioses de uma cartografia: afetos e processos comunicacionais no Movimento Cultural Ermelino Matarazzo¹

Nilton Faria de CARVALHO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente texto tem como objetivo analisar dados coletados em pesquisa participante realizada no coletivo Movimento Cultural Ermelino Matarazzo (MCEM). Pelo método cartográfico apoiado nas teorias da diferença de Deleuze e Guattari (2000), a análise passa por três frentes: a) visitas ao coletivo; b) a produção de um curta-metragem, elaborado por alunos na ECA-USP; e c) a exibição do audiovisual produzido numa sessão de cinema e debate, realizada no coletivo. O objetivo é entender as dinâmicas culturais (LOTMAN, 1996) do coletivo e os processos comunicacionais formativos (afetos, ativismos) que sustentam suas expressões midiáticas.

Palavras-chave: coletivo; periferia; semioses; cartografia; afetos.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar os dados empíricos de uma pesquisa participante no contexto do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo (MCEM), que nasce no espaço da ocupação Mateus Santos, na Zona Leste de São Paulo. O material produzido em campo leva a um entendimento dos processos comunicacionais mobilizados por diferentes afetos, nas mais variadas atividades culturais organizadas no MCEM. Nossa hipótese é que as significações culturais produzidas no coletivo geram aprendizados e formações – cidadãs e políticas – que irão sustentar a frente midiática pela qual o MCEM estabelece suas redes de comunicação.

Os dados de campo reúnem visitas (notas de campo, transcrições de conversas e materiais audiovisuais fornecidos pelo coletivo) e um produto midiático fruto das interações com o coletivo. Esse último consiste em um curta-metragem produzido pelos alunos da disciplina³ Estratégias de Produção Audiovisual em Projetos Educomunicativos (ECA-USP) – cuja mediação coletivo/alunos foi conduzida pelo autor deste texto. Ao lançarmos mão da pesquisa participativa como ferramenta de uma

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutorando no Departamento de Comunicação de Artes – (ECA-USP). E-mail: niltonfar.carvalho@gmail.com.

³ Ministrada pelo professor Marciel Consani A parceria entre pós-doutorandos e disciplinas da ECA-USP é uma das atividades exigidas no Departamento de Comunicação de Artes.

cartografia, o processo de elaboração do curta-metragem e a sua exibição seguida de debate, no espaço do coletivo, configuram uma frente experimental de produção de dados empíricos, que possibilitaram à pesquisa a identificação de um conjunto de práticas que caracterizam o coletivo de Ermelino Matarazzo (ZL).

Metodologia e fundamentação teórica

O trabalho se apoia no método cartográfico, no sentido de traçar uma paisagem comunicacional e midiática que emerge do contexto cultural do coletivo. Esse caminho metodológico tem como base as teorias da diferença de Deleuze e Guattari (2000) – notadamente a ideia de cartografia, que para os autores consiste em um modo de acessar e compreender fenômenos heterogêneos⁴ diferenciais, a exemplo da figura ontológica do rizoma, que funciona de maneira descentrada. Pesquisas posteriores organizaram metodologicamente a noção de cartografia em Deleuze e Guattari (KASTRUP; PASSOS, 2013; ROLNIK, 1989), com objetivo de lidar com processos de diferenciação. Entendemos que o coletivo de Ermelino se posiciona à semelhança desses fenômenos emergentes, ao indicar novas paisagens comunicacionais e midiáticas. Daí a opção pela cartografia, por se tratar de uma “pesquisa-intervenção com direção participativa e inclusiva” (KASTRUP; PASSOS, 2013), que privilegia saberes até então pouco visíveis. Em outra frente de análise, o coletivo será pensado a partir de suas dinâmicas culturais, que possibilitam articulações de significações caras ao funcionamento semiótico do espaço – na articulação de memórias de um movimento pró-cultura nascido em Ermelino nos anos 1980 e na atualização de novas demandas e ativismos contemporâneos. Essas características, para Iuri Lotman (1996), configuram o dinamismo dos sistemas culturais.

Ao nos debruçarmos sobre as dinâmicas culturais do coletivo, procuramos identificar significações que sustentam as ações do movimento cultural, nascido de uma ocupação, e que se materializam nos processos formativos de seus membros. Daí a importância da noção de texto cultural formulada por Lotman (1996), que toma como texto o tecido de relações dialógicas capazes de autodescrever um sistema cultural, mas que também permitem atualizações – trata-se, assim, do funcionamento de uma modalidade cultural, portadora de um dispositivo intelectual (texto de cultura) por meio

⁴ Trata-se da emergência de novas subjetividades e territórios existenciais, possibilitados pelo surgimento de movimentos sociais, vanguardas artísticas etc.

do qual as semioses são possíveis (MACHADO, 2013). Ora, se a noção de texto cultural, pela Semiótica da Cultura, pressupõe a manifestação de relações semióticas heterogêneas, a cartografia, enquanto método para compreender tais fenômenos, permite o traçado de um entendimento acerca dessa paisagem diversa de cultura. A seguir apresentamos alguns dados empíricos produzidos em pesquisa participante junto ao coletivo.

Análise e resultados da pesquisa

A ocupação Mateus Santos é fruto de uma série de reivindicações históricas em prol de um equipamento de cultura no bairro de Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo – do ativismo pioneiro do professor de Artes Mateus Santos, nos anos 1980, passando por uma série de manifestos que resultam na ocupação do prédio de uma antiga subprefeitura. Hoje, a reconhecida ocupação cultural intitulada Movimento Cultural Ermelino Matarazzo reúne uma série de atividades gratuitas, que ocorrem em meio a variadas parcerias com educadores e artistas do bairro.

Nossas primeiras visitas começaram em 2023, quando realizamos alguns encontros com Gustavo e Mayara, que à época estavam à frente do coletivo. A ideia de levar alunos da USP ao espaço nasce da parceria da presente pesquisa com a disciplina Estratégias de Produção Audiovisual em Projetos Educomunicativos, no momento em que um grupo de alunos deveria elaborar um produto ficcional audiovisual acerca de algum projeto social. Num primeiro momento, membros do coletivo fizeram uma breve exposição do seu trabalho aos alunos e, posteriormente, houve uma roda de conversa entre alunos e pessoas do coletivo com o objetivo de levantar ideias acerca do roteiro para o curta-metragem.

O curta, intitulado *Pulsção*, narra as histórias entrelaçadas de três jovens que frequentam o coletivo – Filipe, jovem dividido entre a igreja e o coletivo, enfrenta dilemas religiosos enquanto descobre sua paixão pela arte; Aline, talentosa artista de rimas que enfrenta problemas financeiros e busca reconhecimento; e Lucas, menino que encontra refúgio no coletivo para escapar de uma realidade violenta no lar. As histórias foram inspiradas na roda de conversa entre alunos e membros do coletivo. Nas trajetórias narradas, as vivências no coletivo fornecem algumas posições de enfrentamento às dificuldades que geralmente marcam a vida de muitos jovens nas periferias de São Paulo. Trata-se de um ambiente no qual as oficinas e as atividades

culturais (em diferentes linguagens artísticas) oferecem processos formativos – reflexões de si e acerca do contexto do bairro. Da poesia à música, passando pelas edições de podcasts transmitidos pelo YouTube⁵, o coletivo não mobiliza somente ativismos pela cultura no bairro, mas estimula que os jovens pensem criticamente uma série de vivências compartilhadas – questões de classe social, raça, sexualidade etc. são temáticas mais contemporânea que, aos poucos, vão sendo assimiladas e mobilizadas em variadas atividades do espaço. Nota-se, nessas primeiras observações, que um ativismo que lutava por equipamentos de cultura assume hoje novas temáticas, fruto de significações culturais construídas na temporalidade – à semelhança da noção de texto cultural, que para Lotman (1996) é portador de certa processualidade que lhe permite assumir atualizações ou, em outras palavras, novas ideias e práticas.

Após a produção do curta, houve a exibição do trabalho elaborado pelos alunos da USP no espaço do coletivo. Na conversa, um dos jovens (de dezesseis anos) que assistiu ao filme comentou o seguinte: *“lembro da primeira vez que vim aqui e comecei a conversar com o professor de Filosofia [que ministrava alguma oficina]. Foi uma conversa muito longa e muito divertida sobre filosofia. Sinto que o que falta para o pessoal daqui da periferia é reconhecimento”* – ele se referia a um trecho do curta no qual a poeta Aline disse que gostaria que sua poesia ressoasse nas pessoas. Nota-se, novamente, o efeito de um processo formativo na partilha de vivências no bairro, que certamente agencia pela rede de afetos estabelecida nas atividades do MCEM. Essa configuração que opera no âmbito micropolítico revela saberes situados, que vão do espaço físico da ocupação às expressões midiáticas do coletivo, sempre de modo transversal e descentrado (DELEUZE; GUATTARI, 2000). No decorrer do texto, portanto, a análise dos dados empíricos (visitas, produção do curta e sua exibição no próprio coletivo) revelam um texto de cultura que reúne ativismos emergentes de uma paisagem comunicacional alternativa, que difere, sobretudo, dos modos midiáticos dominantes que atravessam a esfera pública da contemporaneidade (SMYRNAIOS; BAI SNÉE, 2023). São processos comunicacionais formadores de outras subjetividades, cuja ressonância midiática indica ambientes mais plurais e inclusivos – questões caras ao nosso tempo.

⁵ Em diversas frentes digitais, o coletivo se coloca como mídia alternativa, produzindo conteúdos produzidos por moradores e Ermelino para pessoas que moram tanto em Ermelino como em outras regiões periféricas de São Paulo – a exemplo da página do MCEM no YouTube, intitulada Ocupa TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ocupa_tv>. Acesso em 29 mar. 2024.

Conclusão

O presente trabalho analisa dados empíricos produzidos em pesquisa participante no coletivo Movimento Cultural Ermelino Matarazzo (MCEM). Trata-se de um trabalho em andamento que busca traçar cartografias de coletivos de diferentes regiões do país, cujos impactos sociais revelam processos comunicacionais formativos mais plurais e estímulo de práticas cidadãs. Neste texto, focamos em interações que renderam a produção de um curta-metragem sobre o MCEM, elaborado por alunos de graduação da ECA-USP, e na sua posterior exibição no espaço físico do coletivo. Os resultados indicam um espaço no qual a dinâmica cultural dos processos comunicacionais oferece certo letramento em ativismos contemporâneos, contexto que sustenta uma série de expressões midiáticas que oferecem pluralidade e práticas inclusivas.

Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, 2000.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Revista Fractal*, v. 25, n. 2, p. 263-280, mai./ago., 2013.
- LOTMAN, Iuri, M. *La semiosfera I*. Semiótica da cultura y del texto. Madri: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de Valencia, 1996.
- MACHADO, Irene de Araújo. O método semiótico-estrutural na investigação dos sistemas da cultura. In: *Semiótica da comunicação*. ROCHA, Alexandre; NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira (orgs.). São Paulo: INTERCOM, 2013, p. 16-41.
- ROLNIK, Suely: *Cartografia sentimental*, transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.
- SMYRNAIOS, Nikos; BAISNÉE, Oliver. Critically understanding the platformization of the public sphere. *European Journal of Communication*, v. 38, n. 5, p. 435-445, 2023.